

JOÃO JACINTO

«NÓS, PINTORES,
SOMOS FABRICANTES
DE ILUSÕES.»

João Jacinto é pintor e professor na Faculdade de Belas-Artes da ULisboa. Fomos vê-lo ao seu *atelier* na Ajuda, um espaço com as paredes e o chão peçados de desenhos e pinturas. Aí, conversámos sobre a vontade de pintar, a banalidade das coisas e o que fazemos para enganar a solidão.

Fotografias © José Bértolo



«Um crítico pode saber pensar pintura, mas de pintura não sabe.»

ULISBOA Em que está a trabalhar agora?

JOÃO JACINTO Em tudo o que veem aqui no chão. Trabalho sempre no chão e em muitas coisas ao mesmo tempo, salto de uma para outra. Em miúdo, li uma entrevista em que o Hemingway dizia que trabalhava só de manhã e parava quando achava que tinha conseguido alguma coisa, para ter o que continuar no dia seguinte. Eu faço o mesmo. Quando os trabalhos estão acabados, ou temporariamente acabados, empilho-os num monte ou encosto-os à parede. Quando são muito grandes, penduro-os para os ver, para me incomodarem; sou muito indeciso, estou sempre a acrescentar um risco. Já houve trabalhos meus que foram expostos, estão reproduzidos em livros, e já não existem – não foram vendidos, voltaram para mim e eu alterei-os completamente.

ULISBOA Vem ao *atelier* todos os dias?

JJ Entre o horário da Faculdade e outras coisas que nos ocupam a vida, nem sempre consigo. Tento vir o mais que posso, mas raramente mais do que três ou quatro horas; às vezes, venho só uma hora. Um dia inteiro, só durante as férias ou num ou outro fim de semana.

ULISBOA É verdade que, quando muda de *atelier*, deita tudo fora?

JJ Sim. Nos *ateliers* anteriores, forrava as paredes e o chão com plástico. Quando me mudava, não levava nada, pegava nos restos dos trabalhos inacabados e dos materiais, fazia uma grande bola de plástico e punha no lixo.

ULISBOA Há quanto tempo está neste *atelier*?

JJ Dois anos.

ULISBOA Já se mudou muitas vezes?

JJ Já fiz as bolas quatro vezes. Tive um

atelier no cimo da Rua Morais Soares, um 4.º andar, sem elevador. Quando tive de sair, fiz a tal grande bola de plástico, só que não cabia na porta. [Risos] Havia uma varanda nas traseiras, junto às escadas de incêndio; deixei a bola lá, fechei a porta e entreguei as chaves ao senhorio. [Risos]

ULISBOA Lembra-se de tudo o que está a fazer neste momento?

JJ Intuitivamente, sim. Não consigo descrever, de imediato e de forma completa, cada um dos trabalhos, e onde está, mas é como com as pessoas: podemos não nos lembrar do nome, mas fica qualquer coisa, uma familiaridade.

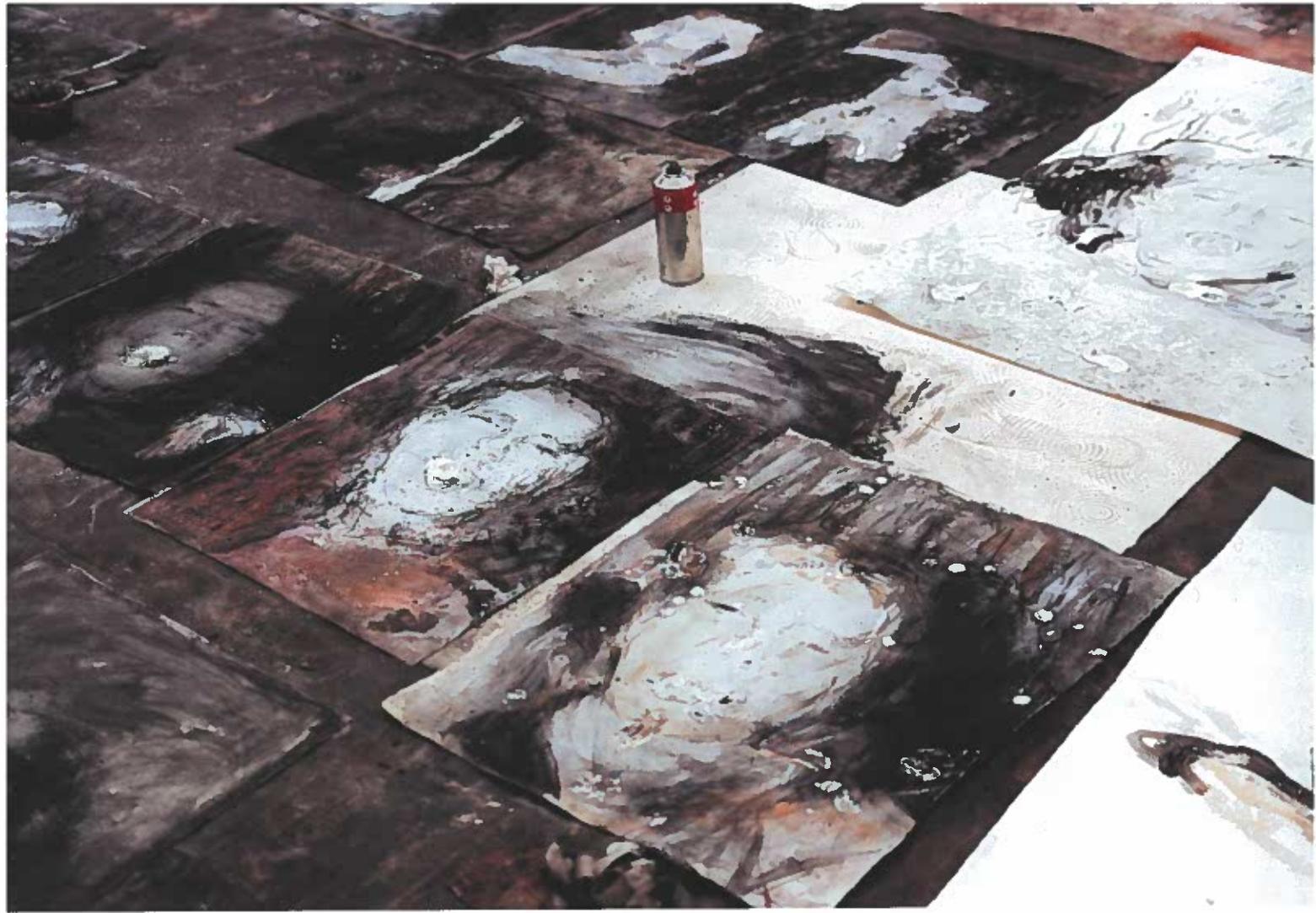
ULISBOA Afirmou que podia passar doze anos com o mesmo trabalho.

JJ Não sou um autor que tem uma ideia sobre uma coisa que quer fazer, a congeminha e depois a cumpre até que ela se realize. As coisas vêm informes e, lentamente, começam a ganhar uma certa configuração, que umas vezes se mantém estável e evolui de forma mais regular, e outras vezes não. Por isso é que há diferenças entre desenhos que acontecem num instante – começamos a fazer e, quase sem dar por isso, convencemo-nos – e coisas que se arrastam, vão para diante, voltam para trás... Não sou regular. Há trabalhos feitos num dia, outros feitos ao longo de dez, quinze, vinte anos.

ULISBOA Em relação ao processo de criação, declarou-se destituído de imaginação.

JJ Não sou capaz de inventar nada. Se calhar, sou pouco imaginativo na conceção de imaginação. Para mim, a imaginação é a capacidade de, na origem, inventar, e não sinto que a tenha. Sou capaz de ser conduzido, ou de conduzir coisas, até situações de novidade, antes inexistentes. Mas a banalidade das coisas já me ocupa tanto, que não sobra tempo para o que não é banal.







«Se eu não vier para aqui fazer coisas, não fico bem-disposto, não me sinto de acordo comigo.»

É claro que essa minha afirmação sobre a imaginação não é destituída de alguma perversidade, porque, se não tivesse imaginação nenhuma, não me atrevia sequer a fazer um risco, não tinha a necessidade ou o ímpeto de o fazer.

ULISBOA Afirmou ainda ser destituído de inspiração, o que contradiz a ideia do pintor como ser mediúnico, que defende.

JJ Pode parecer um paradoxo, mas são coisas diferentes. O pintor é um ser mediúnico no sentido em que é tomado por coisas maiores; a inspiração é uma invenção do século XIX, e não prezo o lugar que o conceito tem ocupado. Há riscos que nos saem melhor do que outros. Porquê? Porque alguma coisa ocorreu que os fez melhores, ou porque fomos capazes de reparar com outras qualidades; muitas vezes fazemos riscos extraordinários e somos incapazes de ver que o são. Então, para usar o chavão, tivemos inspiração a fazer o risco, mas não tivemos inspiração nenhuma a olhar para ele. Gosto daquela frase do Picasso, quando lhe perguntaram o que era a inspiração: «Espero que, se ela ocorrer, eu esteja a trabalhar.»

ULISBOA Na sua última exposição, *A Chuva Cai ao Contrário* [Sociedade Nacional de Belas Artes, julho de 2019], concorda que se pode ver a influência do pintor John Constable [1776-1837]?

JJ Uma vez perguntaram-me quais os autores que mais me tinham influenciado, e eu disse: «Todos, principalmente aqueles que nunca vi.» Tudo o que existe, independentemente do nosso conhecimento disso, tem algum lugar em nós, alguma consequência. A paisagem, no sentido em que perdurou a partir do século XIX, tem o cunho de Constable. Por isso, é óbvio que sim.

ULISBOA Como lida com a tradição? Se tivesse de criar os seus pais, quem seriam?

JJ Criamos os pais sem termos disso consciência. Não sei que pais criaria. Adorno diz que o que se cria traz sempre consigo um «doravante». Tendencialmente, pensamos em «doravante» como «daqui para diante», voltados só para um lado; mas, «daqui para diante» é voltado para todos os lados, incluindo para trás. Pode parecer estúpido, mas acho que os desenhos que faço agora alteram as primeiras pinturas que o

homem fez nas cavernas. Inevitavelmente, cada risco que fazemos reinventa o mundo em toda a sua extensão e direção.

ULISBOA Inserindo-o na história da arte?

JJ Não acredito na história da arte. É uma narrativa que se inventa para que o tempo e o espaço nos sejam compreensíveis. Há histórias da arte mais inteligentes do que outras, mais bonitas do que outras, mais desafiantes, mais perturbantes do que outras, mas são só isso.

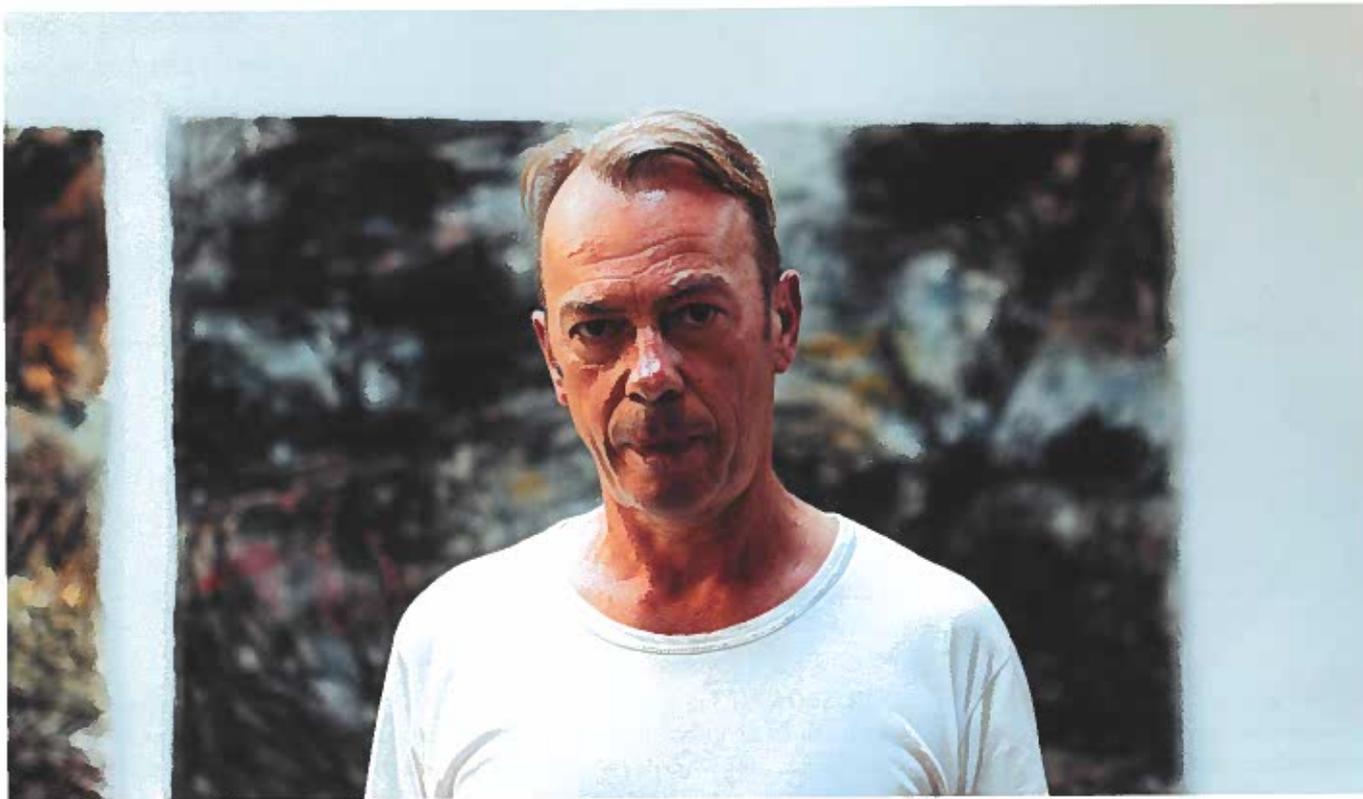
ULISBOA Preocupa-o mais conseguir continuar o seu trabalho do que continuá-lo na pintura. Que trabalho é esse?

JJ Não sei se é definível. É uma atividade maluca, esta de ter vontade de fazer coisas. Não é normal. Por alguma razão, ao longo dos tempos, as pessoas com vontade de fazer coisas foram olhadas de modo diferente.

ULISBOA Refere-se a fazer coisas artísticas?

JJ Não só. Pode ser um artista como um místico ou um teólogo. Porque é que alguém se põe em cima de uma coluna no meio do deserto?

ULISBOA Mas refere-se a atividades que não são as de subsistência.



JJ Porque é que alguém escolhe viver de uma determinada maneira? Pode-se estar só a lutar pela sobrevivência, por perdurar, mas nem toda a gente escolhe perdurar da mesma maneira. Até nas coisas mais elementares e rasteiras do indivíduo há diferenças. Se eu não vier para aqui fazer coisas, não fico bem-disposto, não me sinto de acordo comigo. Por isso, venho. Não o faço enquanto terapia ocupacional, apesar de essa dimensão existir. O fundamental para mim é poder continuar a fazer, o que não significa apenas ter tempo, meios e dinheiro, mas conseguir continuar a ter uma força anímica, a ter qualquer coisa que me leve a fazê-lo. É como se tivesse contraído uma dívida, apesar de ela nunca ter ocorrido. Há qualquer coisa a pagar que não se sabe o que é, e que nunca se paga, porque nunca existiu.

ULISBOA A ideia de pagar uma dívida também se aplica à atividade docente?

JJ É completamente diferente. A atividade docente é nomeável, esta não.

ULISBOA Começou a dar aulas porque quis?

JJ Porque quis, aceitei e continuei. Dou aulas há trinta anos, mas nunca senti que tinha a vocação ou a missão de ensinar. Comecei a dar aulas muito cedo, ainda era aluno da Faculdade, durante dois anos, no Ar.Co. E parece que não correu mal. Depois, estive um ano a cumprir o serviço militar, e tinha de ir ganhar dinheiro e fui dar aulas. Continuei a gostar e continuou a não correr mal.

ULISBOA Como se relaciona com os trabalhos dos alunos?

JJ No grupo de Desenho ao qual perten-

ço, na Faculdade, transitamos muito, nunca somos só responsáveis por uma disciplina ou um ano. Este ano tive alunos do primeiro ano no primeiro semestre, e alunos do segundo semestre do último ano. Estava com alunos do princípio e com alunos do fim. Há uma coisa que funciona a meu favor e contra mim: não tenho resistência ao trabalho dos alunos. Afeta-me, envolve-me, no bom e no mau sentido. Isso, até ao momento, tem-me trazido duas coisas positivas: a minha capacidade de ter sempre motivação para estar nas aulas; e, da parte dos alunos, isso ser gratificante para eles. Eles percebem que está ali alguém por causa deles e para as coisas deles.

ULISBOA Enquanto aluno, houve algum professor que tenha sido importante para si?

JJ Houve. Há professores e alunos que nos afetam mais do que outros. No primeiro ano, tive um professor muito marcante, o Pedro Saraiva, que depois foi meu colega e já se reformou. Disse-me algo que foi muito importante: «Estas questões do primeiro ano já não são para ti; está à tua vontade, e, sempre que eu puder, ajudo-te.» Foi ele que me introduziu no mundo da arte, falando do meu trabalho a outros. Houve outro professor de quem gostei, o Jorge Pinheiro, no quinto ano de Pintura.

ULISBOA É importante para si expor?

JJ É, por todas as razões, desde a mais pequenina – sem se expor os trabalhos, não se vende e não se ganha dinheiro – até uma outra que se prende com uma afirmação do Duchamp: «A posteridade de uma obra é o espectador.» Sem isso, a obra não tem posteridade, no bom sentido do termo: continuar, existir, ter duração.

ULISBOA Mesmo que a obra já não exista fisicamente?

JJ Sim. Aliás, diz-se que nós morremos duas vezes, fisicamente e quando o nosso nome é pronunciado pela última vez.

ULISBOA Qual é a diferença para si entre pintura e desenho?

JJ As linguagens, durante muito tempo, tiveram uma certa claridade, as regras que as constituíam tinham uma perenidade que lhes conferia essa claridade. Pelo menos até ao século XIX, era fácil saber o que era um desenho e uma pintura. A partir de um dado momento, a duração das coisas começou a ser diferente; acho que essa alteração trouxe perturbações. Hoje, não pensando sequer no meu caso, acho que não é assim tão fácil definir o que é desenho e o que é pintura, ou até o que é escultura ou outras práticas. Posso saber se uma obra é feita com materiais tradicionalmente associa-

dos ao desenho, se, no modo de a realizar, há elementos oriundos do desenho, e isso torna-a mais desenho. Há outras em que, sendo usados os mesmos suportes, os mesmos materiais, há uma atitude, um modo de pensar, um modo de lidar com o processo de construir mais pictóricos. Irá isso fazer delas pintura? Se calhar.

ULISBOA Só um pintor é que sabe de pintura?

JJ Sim. Um crítico pode saber pensar pintura, mas de pintura não sabe. É como naquela canção do Cole Porter, «I've got you under my skin»: ou se tem, ou não se tem. Mas há críticos que têm. Historicamente, os grandes críticos de arte eram pintores ou ex-pintores: o Clement Greenberg, o John Ruskin. Não estou a dizer que são eles quem mais sabe pensar a pintura, porque pensar é do lado de fora, é a explicação das coisas. A explicação das coisas já é um sucedâneo, por isso é que digo que só os pintores sabem de pintura. Não quer dizer que sejam os mais capazes de a pensar e de a explicar.

ULISBOA É preciso estudar-se pintura para se ser pintor?

JJ Pode não ser preciso, mas isso não se aplica só à pintura. Não creio que alguém que tenha em si coisas que o conduzam a uma determinada área não a possa alcançar sem passar por uma instituição de ensino nos moldes em que os tempos e os mundos a foram fazendo. Tal como não acredito que as instituições destruam as capacidades das pessoas.

ULISBOA Ser pintor é diferente de ser artista?

JJ Sempre tive uma certa reticência em relação à ideia de artista, que é uma coisa muito volúvel e volátil. Mas conheço pessoas cuja grande ambição é serem artistas.

Lembro-me de ouvir uma resposta do Julião Sarmiento, numa entrevista, que me pareceu muito clarificante: ele dizia que, dependendo das distâncias, das geografias e do tempo disponível, ora ia a pé, ora de carro, ora de barco, ora de avião. Eu acho que isso é ser artista. Ser pintor é ir sempre a pé.

ULISBOA Ser pintor é ser diferente do resto das pessoas?

JJ Ser pessoa é ser diferente do resto das pessoas. O outro está-nos sempre muito distante, nenhum de nós pode ser outro. Por isso é que procuramos coisas que nos iludam dessa distância: as relações familiares, as relações afetivas, a inserção numa estrutura social. No fundo, é esse desespero frente à imensa solidão que é ser. Esta diferença parece-me muito mais significativa do que a diferença entre ser pintor e outra coisa. Um sapateiro também deve ser diferente do resto das pessoas. Claro que um sapato é diferente de uma pintura: a diferença entre o pintor e outra pessoa vem não do pintor, mas da pintura. Se uma pintura for mais diferente do que um sapato, então ser-se pintor é ser-se mais diferente.

ULISBOA A relação com a arte é mais verdadeira do que a relação com as outras pessoas?

JJ Se calhar como nós, pintores, somos fabricantes de ilusões, temos uma noção mais inequívoca da grande ilusão, e isso pode fazer-nos diferentes. Nesse sentido, essa convivência com a inevitabilidade da solidão de ser é mais assumida. É o que há. Leibniz dizia que o que há é sinónimo de bem, que só ocorre o melhor. O que ocorre é o possível, e o possível é sempre o melhor. O Humphrey Bogart também dizia uma coisa parecida: nada é nunca tão mau que não pudesse ser muito pior. ♦

«Já houve trabalhos meus que foram expostos, estão reproduzidos em livros, e já não existem – não foram vendidos, voltaram para mim e eu alterei-os completamente.»